

O CORPO VESTIDO CIBORGUE: SUBJETIVIDADES E FECAL MATTER

The cyborg dress body: subjectivity and fecal matter

Almeida, Vinicius A; Graduando em Têxtil e Moda, Universidade de São Paulo,
vinibruv@gmail.com¹

Mello, Jefferson; Docente na Universidade de São Paulo, jefferson@usp.br

Resumo: O informe pretende discutir acerca da estética do coletivo Fecal Matter, partindo do corpo vestido como dispositivo de subjetivação que coabita o espaço físico e virtual, o corpo ciborgue. Fecal Matter auto-fabrica em sua estética a subjetivação da subversão pós humana. Assim, o corpo vestido subverte a existência totalmente biológica e invoca significados de um corpo ciborgue em excelência.

Palavras chave: Ciborgue; Corpo vestido; Subjetivação.

Abstract: The report intends to discuss the aesthetics of the collective Fecal Matter, starting from the body dressed as a device of subjectivation that cohabitation sings the physical space and the virtual, the cyborg body. The collective Fecal Matter self-manufactures in its aesthetics the subjectivation of post-human subversion, the dressed body subverts the totally biological existence and invokes meanings of a cyborg body in excellence.

Keywords: Cyborg; Body dressed; Subjectivation.


Introdução

Este artigo apresenta um escopo realizado no decorrer de uma iniciação científica no ano de 2019 pela Universidade de São Paulo.

O Coletivo de arte-moda Fecal Matter se define através da performance estética pós-humana. O propósito do mesmo se contempla na subversão do próprio corpo e aparência, buscando a subjetivação de seus valores como intervenção, seja no espaço virtual ou físico.

No contemporâneo urge a busca de uma identidade estética apta também ao mundo virtual, pensada para uma existência mais completa. As interações via tecnologia se tornam necessárias em quase todas as esferas do corpo social, necessidade tal, que

¹ Mini currículo do segundo autor (quando houver), máximo 3 linhas



gera uma existência fabricada pelo próprio indivíduo para corresponder aos desejos de existência desse corpo.

A existência virtual atua como proposta estética, esse corpo virtual coabita diversos lugares, possibilidade que o corpo físico não alcança, assim como também, assume formas e veste signos a partir da auto fabricação que o corpo biológico não consegue.

O trabalho apresenta como metodologia revisão bibliográfica de artigos e escritos pertinentes ao tema, estruturando-os de maneira analítica acerca da existência e dos desdobramentos do gênero no corpo ciborgue do coletivo Fecal Matter.

O coletivo

O coletivo de Arte Moda Fecal Matter tem como membros Hannah Rose Dalton e Steven Raj Bhaskaran, ambos de Montreal no Canadá. A dupla assume o coletivo desde o ano de 2014, cuja performance estética se destaca e passa a ser também caracterizada como estilo de vida. A representação por performances imagéticas dadas pelas construções de significados com seus corpos, intervindo no espaço, físico e virtual é a maior proposta do coletivo.

Figura 01: Dupla Fecal Matter



Fonte: Instagram.com, acessado em 15 de maio de 2021

Grande parte das atividades do coletivo são realizadas no espaço virtual. As redes sociais, como Instagram, são os maiores locais de atuação da Fecal Matter. Fato que ocorre, seja pela proporção do impacto na internet – uma vez que não existem mais

barreiras físicas limitantes ou pela, maleabilidade maior da imagem, o que amplia a atuação e atende aos propósitos do coletivo.

O propósito então, de acordo com Hannah Rose Dalton, em entrevista com a Papermag em 2019, é questionar e gerar discussões acerca de conceitos como gênero, sexualidade, raça, sustentabilidade e desenvolvimento tecnológico, além da própria concepção de humanidade.

O ciborgue

O ciborgue atravessa os limites entre o biológico e o virtual, sendo a existência do mesmo o desdobramento da existência humana no pós-moderno. Enquanto representação estética ciborgue o corpo vestido não é acometido pelos limites biológicos ou sociais da existência física, ele é alterável de acordo com a existência desejada, implicando em um processo de auto fabricação.

As máquinas são apropriadas em todos os processos de subjetivação do corpo pós humano, uma bricolagem entre os aparelhos biológicos e os mecânicos, a identidade é pautada nessa simbiose e depende da coexistência em ambos os sistemas, assim como disse a semiótica Lucia Santaella:

“Ao transgredir as fronteiras entre o natural e o artificial, esse ciborg coloca em questão o dualismo entre o orgânico e o inorgânico, evidenciando que não há mais natureza, nem corpo no sentido iluminista dos termos.” (Santaella, 2005: 187).

O corpo ocupa então ambos os espaços e nesse processo passa a depender de ambos, perdendo o vínculo totalmente natural e rompendo com o ideal antropocêntrico de representação humana.

Esse mesmo corpo é todo projetado na busca pela subjetivação do ciborgue, em que para Vieira Novaes:

“O corpo é espacializado e interpelado pelas forças do espetáculo num jogo dialético de mostrar aberrações, anomalias, cortes, feridas, reentrâncias e vísceras.” (Vieira in Novaes, 2003: 336)

O corpo ciborgue é passível de alterações, de uma visão e de uma mudança que naturalmente não ocupa o lugar do natural. A tecnologia como parte de si, modificando corpos físicos, criando representações virtuais e expressando sensações.



O coletivo apresenta em suas performances aparências estéticas singulares desenvolvidas a partir de seus conhecimentos em moda e no questionamento acerca de conceitos como gênero, sexualidade, raça, sustentabilidade, desenvolvimento tecnológico e concepção de humanidade.

Figura 02: Hannah



Fonte: Instagram.com, acessado em 15 de maio de 2021

Breno Nascimento apresenta o estilo do coletivo da seguinte maneira:

“Um estilo que foge das normas de beleza estereotipadas pela mídia e estacionam num visual transgressor carregado de exagero e excentricidade. Familiarizados com o movimento queer, provocam sentimento de estranhamento e questionamentos sobre a sexualidade da dupla.” (Nascimento, 2019 p 11)

Atribuindo assim à estética artística do coletivo um aspecto de distanciamento e subversão dos signos normativos de subjetivação.

A existência ciborgue atribui caráter disruptivo à estética e aparência, o que é tido partindo do distanciamento de uma dualidade hegemônica nos signos da categoria de gênero. Temos assim que o coletivo Fecal Matter utiliza da moda como subjetivação de androginia, subvertendo a categoria binária de gênero a partir do corpo vestido.

A androginia é extremamente marcada nos corpos vestido de Fecal Matter, a mescla entre símbolos femininos e masculinos é bem recorrente. Steven não se limita

aos elementos que invocariam o sexo atribuído ao nascer, utilizando de vestidos, saias e demais peças que dentro da sociedade são significadas como femininas.

O corpo vestido de Hannah também é marcado pela subversão dos signos de gênero, a artista por diversas vezes utiliza de aparelhos vestíveis que sobrepõem os tecidos mamários, uma vez que os seios desenvolvidos são socialmente significados como do feminino, invocando significantes para uma imagem andrógina.

Figura 03: Hannah



Fonte: Instagram.com, acessado em 15 de maio de 2021

Ainda dentro do espectro da imagem andrógina, o coletivo diversas vezes apresenta corpos com um aspecto nu, em que seus órgãos genitais são apagados digitalmente, numa simbolização de subversão do sexo atribuído ao nascer, se despidendo também de leituras sociais de gênero que partem de viés biologicistas genitalistas.

Fecal Matter apresenta na sua estética artística uma gama de tecnologias têxteis e vestíveis, uma vez que o coletivo se apresenta como arte e moda é importante olhar para esse aspecto que está intrínseco à subjetivação de símbolos que são pretendidos invocar.

Para Entwistle (2000) é importante observar o corpo vestido como pertencente às dinâmicas sociais, entendendo assim como que a moda subjetiva os indivíduos e narra suas existências. Regidos pelos significados atribuídos pelas tecnologias hegemônicas, os têxteis vestíveis são constituintes de todo significante desejado pela performance estética.

Os têxteis utilizados tendem a ser não muito usuais e de origens nobres, tendo destaque: o vinil, couro sintético, tule, silicone e a pelúcia. A escolha de tecidos, em maioria sintéticos, remete a um aspecto estético industrial, ligado à tecnologia e robotização da produção têxtil.

O apelo a essa estética industrializada fruto da tecnologia e da ascensão das máquinas se agrega na proposta pós humanista do coletivo, uma vez que a subjetivação do seu corpo vestido é dada pelo sintético, sua leitura social é feita através dos significantes invocados pelos signos vestidos, esses mecânicos e tecnológicos.

Entre as formas e modelagens utilizadas chamam atenção diversas peças que podem ser consideradas complexas e exageradas, criadas assim para dar volume e definir silhuetas e moldar corpos ciborgues. Essas modelagens exageradas são postas para contrastar e modificar a estrutura corporal e silhueta comum.


Essas distorções de silhuetas e de corpo estão diretamente associadas à quebra do mimetismo biológico da imagem, rompendo com os aspectos estéticos de beleza, construídos desde o iluminismo como o ideal de semelhança ao homem hegemônico padrão.

Os acessórios por inúmeras vezes são protagonistas da imagem do coletivo, dentre eles: sapatos e luvas feitos sob medida, colares, headpieces, acessórios diversos, todos não usuais, os metais e silicones também são bem frequentes entre esses acessórios.

É importante mencionar que a dupla utiliza de criações autorais e desenvolve tudo de maneira autêntica, para que assim a performance estética tenha o valor de significação desejado.

A maquiagem e a expressão é um detalhe que chama atenção no coletivo, a identidade visual estética é bem marcante. O apagamento de sobrancelhas, cílios, linhas de expressão, delineado labial e estrutura capilar é uma das assinaturas da Fecal Matter, assim como os olhos sempre preenchidos por lentes com uma única cor. Esses aspectos tem uma função estética de distanciamento da expressividade e da normalidade humana.

A maquiagem artística exerce o trabalho de subjetivar o mítico e o não humano nos corpos dos artistas, afastando eles de uma aparência socialmente aceita e lida como



humana. Os artistas são constantemente associados a seres extraterrestres e aliens, graças a sua maquiagem distante do homem biológico comum.

Além do apagamento dos acessórios de expressão, a maquiagem apresentada na estética pós humana proposta, conta com desenhos de veias saltadas, extensões de olhos, e incorporação de símbolos análogos a tecnologia e radiação.

O frequente uso de próteses e extensões corporais como chifres e pés distorcidos são característicos, mostrando o corpo humano distorcido, a junção do orgânico com o inorgânico. A aparência do grotesco é alcançada partindo dessas modificações.

O design não é gerado da mesma maneira enquanto desenvolvimento para o coletivo, uma vez que o pensamento do produto se dá a partir do corpo e de suas necessidades. Novos corpos físicos e virtuais geram novas necessidades de produto.


A antropometria agora é mensurada pensando em corpos pós-humanos, logo há a perda do sentido do homem universal de Leonardo da Vinci, uma vez que o corpo e o homem são distorcidos de uma normatividade pré-estabelecida, pensadas como em corpos hegemônicos e totalmente orgânicos.

O corpo virtual é o resultado dos diversos avanços da tecnologia. A existência artificial do ser humano e a decomposição da realidade humana são causas da pós-humanidade. Em que pensando dessa forma, toda a criação de existência do coletivo é imaginada para esse corpo virtual, fabricado para ocupar o lugar de imagem nas redes sociais e deter assim o caráter pós-humano, fabricado de acordo com seus desejos ciborgues.

As fabricações e alterações corporais feitas no espaço virtual conseguem projeção para o físico, pois o coletivo trabalha a existência dessa subjetividade através do design e da moda. O corpo virtual fabricado é projetado em todas as outras esferas do sujeito, impregnando sua existência.

Considerações finais

Fecal Matter apresenta, portanto, a estética como subjetivação da percepção do corpo e da existência como ciborgue, através do design e das mídias eles subvertem significantes de uma norma de gênero e de existência através do grotesco pós-humano.



O coletivo através de estéticas do pós-humanismo como produto do homem já digerido, uma vez que o ciborgue é póstumo a existência humana. O coletivo, através da arte-moda, propõe a subversão de significantes de corpo, gênero e de existência.

Fecal Matter como corpo vestido, físico e virtual, rompe as barreiras entre o artificial e o real, as diversas agregações partindo de uma existência ciborgue são utilizadas para subjetivar a proposta do coletivo.

A provocação gerada pela dupla é dada quando ambos propõem novas narrativas apresentadas a partir de seus corpos vestidos, subjetivando uma estética artística que nega o padrão hegemônico pré-estabelecido, em que o ciborgue é a corporificação da quarta ferida narcísica e o significante do declínio do homem antropocêntrico.

Referências

- AIRES, A. B; SOUZA J. CIBORGUES INVADEM A MODA: CORPO, GÊNERO E MEDICINA. Anais 14 Colóquio de moda. 2018..
- ENTWISTLE, Joanne. *The Fashioned Body: Dress and Modern Social Theory*. 01. Ed. New York: Polity, 2000.
- HARAWAY, D. and J. Schneider ‘Conversations with Donna Haraway’, in J. Schneider, *Donna Haraway: Live Theory*. London and New York: Continuum. 2005.
- HARAWAY, J. Donna. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009.
- LOTUFO, Flávio. Androginia - moda masculina “bebe na fonte” da feminina: Qual o motivo? *O Arauto*, Salto, abril 2011. *Contra Cultura*
- NASCIMENTO, B. S; FILHO, M. D; SILVA, V. N. *Corpos que cospem queer: Uma análise do instagram da dupla Fecal Matter, a partir de um olhar estético*. XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. 2019.
- SANTAELLA, Lucia; NOTH, Winfried. *Imagem: cognição e semiótica e mídia*. SP: Iluminuras. 2005
- SIBILIA, Paula. *O Show do Eu – A intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- TOMAZ, Tadeu. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009.
- 